

EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES LGBTI+ NO ENSINO SUPERIOR: VIOLÊNCIAS COMO MARCAS DA CIS- HETERONORMATIVIDADE

Roney Polato de Castro

Doutor em Educação (UFJF), Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF-MG_Brasil). Membro do GESED – grupo de estudos e pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade. E-mail: roneypolato@gmail.com.

Resumo

O trabalho tem como objetivo analisar parte dos dados de uma pesquisa com estudantes LGBTI+ no Ensino Superior, vinculadas/os a uma universidade pública federal do interior de Minas Gerais. Os dados selecionados foram produzidos a partir de um formulário on-line, divulgado em redes sociais nos anos de 2019 e 2020, obtendo um total de 169 respostas em suas duas fases. Do cômputo mais amplo, serão analisados aqueles referentes às situações de preconceito, discriminação e/ou violências presenciadas ou sofridas no âmbito da universidade. O referencial teórico-metodológico pauta-se nas perspectivas pós-estruturalistas e nos estudos foucaultianos, pensando a constituição das subjetividades das/os estudantes pela linguagem, pela cultura, pelas relações de saber-poder, produtoras de experiências de si. A universidade, a despeito de ser percebida como espaço de maior 'liberdade' para que estudantes LGBTI+ expressem suas existências, mantém práticas discriminatórias e violências, na forma de comentários desqualificadores, insultos, chacotas entre outras. A constituição da experiência de si dessas/es estudantes, podendo ser entendida na sua especificidade em relação ao ensino superior, se dá, portanto, na continuidade com os mecanismos pedagógicos da cis-heteronormatividade,

que tomam discriminações e violências como formas de marcar a ininteligibilidade de gênero e sexualidade, operando para vigiar, controlar e punir as expressões das dissidências.

Palavras-chave: Estudantes LGBTI+, Ensino Superior, Violências, Experiência de si, Subjetivação.

Introdução

Como argumenta Didier Eribon (2008), um sujeito é produto de certa ordem social, a qual organiza as experiências vividas em um dado momento da história, a partir da subordinação às regras, normas, leis próprias dessa ordem. Nesse sentido, as pessoas LGBTI+ parecem ocupar um lugar 'inferiorizado'. Embora as experiências culturais sejam múltiplas e heterogêneas, quando se trata das sexualidades subalternizadas tipos particulares de violências simbólicas, fundadas em perspectivas androcêntricas e cis-heteronormativas de mundo, têm sido comumente vividas nas sociedades ocidentais. Eribon (2008) atribui lugar importante à injúria, a qual atravessa a constituição de gays e lésbicas, e que podemos estender a outras identidades e expressões das sexualidades e gêneros dissidentes das normas vigentes. Há que se atribuir, portanto, um papel definidor à linguagem e aos chamados 'atos de nomeação': eles têm efeitos que estão para além da representação, da descrição. As agressões verbais, ao se inscreverem na memória e no corpo, moldam "a personalidade, a subjetividade, o próprio ser de um indivíduo" (p. 27). A injúria faz com o que o sujeito saiba que é alguém distinto dos outros: "o insulto é um veredito" (p. 28). Além disso, se trata de uma operação de poder: ocupar o lugar de quem atribui ao outro uma identidade marca relações de subordinação.

Ampliando a argumentação, Daniel Borrillo (2010) aciona uma série de componentes reunidos no termo 'homofobia' – que podemos hoje denominar de LGBTI+fobia – para dizer dos modos como os desejos e as relações entre pessoas de mesmo gênero vêm sendo qualificados ao longo do tempo. A LGBTI+fobia teria como princípio a designação do 'outro' como 'contrário', 'inferior', 'anormal', posicionando-o fora do 'universo comum' dos humanos. Portanto, trata-se de uma estratégia desumanizadora de manutenção das hierarquias sexuais e de gênero, qualificando a experiência cis-heterossexual como modelo social de referência. Tem a ver tanto com uma dimensão pessoal de rejeição, de natureza afetiva, quanto uma dimensão cultural, de natureza cognitiva. As sexualidades vistas como dissidentes, discursivamente produzidas como algo negativo e contrário à natureza cis-heterossexual, se tornam alvo tanto da inferiorização direta, traduzida pelas inúmeras violências, quanto da inferiorização

sutil, que por vezes expressa sentidos de ‘tolerância’, responsável pela ideia, por exemplo, de que pessoas LGBTI+ podem até existir, mas não podem usufruir dos mesmos direitos reconhecidos às pessoas cis-heterossexuais. Portanto, retomando o argumento de Eribon (2007), a injúria se coloca como uma forma de expressão da LGBTI+fobia naturalizada, sutil, por vezes ‘cordial’ ou ‘tolerante’, presente “nos insultos, nas piadas, nas representações caricaturais, assim como na linguagem corrente” (BORRILLO, 2010, p. 24).

Os argumentos aqui construídos nos ajudam a pensar nas experiências de discriminações e violências vividas por estudantes no ensino superior, em uma universidade pública do interior de Minas Gerais. As narrativas foram produzidas no contexto de uma pesquisa intitulada ‘Experiências de gêneros e sexualidades de estudantes no ensino superior: processos de (de)subjetivação, narrativas e experiência de si’. A pesquisa buscou analisar os elementos que constituem uma experiência de estudantes de LGBTI+ no ensino superior, articulando processos constitutivos que antecedem a chegada à universidade (experiências familiares, escolares, religiosas etc.) e aqueles que são próprios do ensino superior (disciplinas, eventos, atividades de pesquisa, de extensão, participação em coletivos, movimentos estudantis etc.). Assim, intentamos pensar na constituição de subjetividades de estudantes LGBTI+ no ensino superior: experiências de si forjadas com as experiências históricas de preconceito, discriminação e violências em diferentes espaços e situações.

Tais proposições disparadoras do processo investigativo partem da interação com estudantes no cotidiano da universidade. Portanto, o motivo principal que nos leva a realizar a referida pesquisa é a necessidade de uma investigação mais qualificada sobre as experiências vividas por estudantes no contexto do ensino superior em relação às suas expressões e identidades de gênero e sexualidade, a fim de conhecê-las e, a partir delas, produzir questionamentos sobre os modos como os currículos e as dinâmicas institucionais atravessam essas experiências. O referencial teórico-metodológico que nos orienta são as perspectivas dos estudos pós-estruturalistas e dos estudos foucaultianos de gênero, sexualidade e educação. Tais referenciais se orientam sob uma ótica construcionista, assumindo que gênero e sexualidade não seriam dados da natureza, a-históricos e transculturais, que nascem com os sujeitos e se desenvolvem progressivamente até determinado patamar. A apropriação desses referenciais incorpora

perspectivas que se centram em análises sobre os modos como os sujeitos se constituem a partir dos discursos culturais e sociais, das linguagens, dos artefatos culturais, enfim, de processos que constroem nossas visões de mundo, nossos posicionamentos sociais, os sentidos que damos às nossas experiências de gênero e sexualidade, como nos relacionamos com nossos corpos e com os dos outros.

A pesquisa foi composta por uma metodologia que buscou criar contextos de construção narrativa pelos sujeitos. As estratégias de investigação utilizadas foram: (1) um questionário *online* (Google Forms), direcionado a estudantes LGBTI+ da universidade; (2) a realização de quatro grupos focais com um mesmo grupo de estudantes, em que foram discutidas questões relacionadas ao objetivo da pesquisa, buscando ouvir o que as/os participantes nas suas experiências e saberes. Neste trabalho apresentaremos apenas parte dos dados construídos com o questionário *online*, com foco especialmente nas experiências de discriminação e violências vividas no contexto da universidade, a partir de um diálogo com os referenciais teóricos sobre violência contra pessoas LGBTI+ nas produções acadêmicas que têm como foco as experiências dessas pessoas no ensino superior.

Experiências de estudantes LGBTI+ no ensino superior

O campo da educação vem abarcando, nas últimas três décadas, um número expressivo de estudos e pesquisas centrados nos modos como as relações de gênero e as sexualidades atravessam os processos educativos¹, com ênfase naqueles experienciados nas instituições de Educação Básica. Essa produção compõe um campo consolidado, que se expressa em publicações, dissertações e teses, linhas de pesquisa em programas de pós-graduação, grupos de pesquisa, ações de extensão universitária entre tantos outros componentes. O campo de estudos e pesquisas de Gênero, Sexualidade e Educação vem se dedicando a pensar os modos como as escolas lidam com as sexualidades e gêneros, como elas produzem os sentidos sobre 'centro' e 'margem' no que se refere às experiências das sexualidades e das relações de

1 É significativa a produtividade do campo. Tomando como referência o grupo de trabalho 23 da ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Educação), veja o artigo de Cláudia Ribeiro e Constantina Xavier Filha (2014) acerca dos dez anos de produção do GT.

gênero. Dentre esses estudos, destacam-se aqueles que se preocupam em analisar as dinâmicas de exclusão, violência e discriminação pelas quais passam sujeitos LGBTI+ nas instituições escolares, seus currículos e práticas pedagógicas.

Em relação ao Ensino Superior, encontramos uma produção menos expressiva e, no seu âmbito, são mais comuns trabalhos que dizem das violências vividas por pessoas LGBTI+ neste segmento educacional. Sem realizar uma revisão sistemática, mas fazendo aproximações à produção disponível *online*², podemos encontrar alguns caminhos pelos quais tem sido discutidas as relações entre universidade/ensino superior e experiências LGBTI+.

De modo geral, identificamos trabalhos que pretendem analisar as experiências de coletivos LGBT no interior das universidades, como o artigo de Julião Gomes do Amaral (2013), que buscou compreender a dinâmica de atuação política de três coletivos universitários de diversidade sexual em Minas Gerais, destacando a produção de uma militância acadêmica que aposta na produção de conhecimento científico engajada na transformação da sociedade. Na mesma direção, Marco Aurélio Prado, Daniel Martins e Leonardo Rocha (2009) tecem análises sobre a homofobia institucional a partir da atuação de coletivos universitários na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na luta contra o silenciamento da homofobia pela instituição, naturalizando os preconceitos e reificando a norma heterossexual. Partindo da constatação de um número expressivo de planos e programas do governo brasileiro voltados à diversidade sexual, o trabalho de Izaque Ribeiro e Jorge Cunha (2015) questiona os desdobramentos disso no projeto pedagógico do curso de graduação em Psicologia de uma universidade do interior do Rio Grande do Sul, tomando como referência os efeitos produzidos pela existência de um coletivo formado por estudantes e docentes (Coletivo Transex).

Além dos coletivos, outras experiências se destacam. Roberto Reis, Jacson Dias e Gael Benitez (2016) analisam a trajetória de um projeto de extensão intitulado “Una-se contra a LGBTfobia”, realizado em um centro universitário de Belo Horizonte (MG). O projeto promove ações em prol de uma cultura de respeito à diversidade sexual e de

2 Utilizou-se o recurso ao Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>), buscando termos em conjunto (universidade, LGBT, violência).

gênero no ambiente universitário. Em outro trabalho, Tatiana Lionço, Larissa Tavira, Felipe de Baére e Raquel Portela (2016) apresentam e discutem a atuação do “Escuta Diversa”, serviço de acolhimento cujo objetivo é articular e fortalecer uma rede de proteção à comunidade LGBT da Universidade de Brasília (UnB), envolvendo ações de prevenção à violência na instituição, em diálogo com diversas instâncias da universidade, incluindo coletivos de militância.

Há ainda trabalhos que investem em um olhar mais ficado nas experiências curriculares, como a dissertação de Rodrigo Moretti-Pires (2017), que teve como objetivo investigar, sob o viés das relações de gênero, como o estatuto da Medicina constrói futuros/as médicos/as. O autor analisou que o curso de Medicina da instituição investigada apresenta um currículo que aposta em um ideário médico conservador, masculinista e heteronormativo, contando com a invisibilidade das pessoas LGBTI+, tanto em termos curriculares, como nas relações sociais.

Ao tratarmos especificamente da trajetória de estudantes LGBT na universidade a partir das suas experiências de preconceito, discriminação e violência, encontramos outros trabalhos. Em sua dissertação de mestrado, Marcelo Vieira (2015) buscou identificar quais são e como se manifestam as experiências de violência simbólica entre estudantes universitários LGBT. Foi constatado nas narrativas produzidas com a pesquisa que a violência parte do cotidiano dos sujeitos LGBT, em diferentes ambientes e instituições, destacando, especialmente, a família e a escola. Com essa pesquisa, podemos pensar que as violências vividas na universidade expressam sentidos de continuidade, tendo em vista que pessoas LGBTI+ constituem suas subjetividades em contextos socioculturais cis-heterossexualmente organizados, sendo a violência um elemento normatizador empregado na demarcação da subalternidade dos sujeitos, especialmente quando se trata da relação com instituições sociais como a escola e a família.

Em sua tese, Francisco Duarte (2015) analisou representações sociais de estudantes universitários/as LGBT sobre seus processos de escolarização (ensino fundamental, médio e superior) e as implicações desse percurso em seus projetos de vida, sendo a homofobia um dos componentes centrais para pensar as existências desses sujeitos. As/os participantes da pesquisa destacam, entre os elementos ligados ao preconceito que organiza o ensino superior, ‘olhares de indiferença e desaprovação’. Porém, em suas narrativas, elas e eles destacam outros

sentidos que se contrapõem a ideia da experiência de violência como significativa no ensino superior, mencionando terem tido maior liberdade, terem encontrado interlocução com outras/os estudantes, com docentes e com coletivos e terem se 'fortalecido' enquanto pessoas LGBTI+.

Jailson Batista (2017) discute em seu artigo sobre os desafios da permanência de estudantes LGBT na universidade, tomando como foco um curso de Pedagogia de uma universidade na Paraíba. No trabalho, a orientação sexual é considerada uma variável relevante para pensar a permanência de estudantes na universidade, sendo relacionada a desafios, mas também a superação, especialmente a partir da identificação com o curso de graduação. Uma porcentagem das/os participantes da pesquisa de Batista (2017) já haviam se sentido excluídos/as, rejeitados/as, constrangidos/as ou inseguros/as em algumas situações na universidade em função de sua orientação sexual. Cerca de 78% dos/as estudantes já havia presenciado ou sabido de algum ato de discriminação contra estudantes LGBTI+ dentro da universidade.

Elder Silva (2017) discute em sua dissertação de mestrado a trajetória formativa, os processos de afiliação acadêmica e a permanência no ensino superior de estudantes LGBT em uma universidade do interior baiano. De acordo com o autor, foram encontradas narrativas sobre dificuldades e resistências, tomando a universidade, ao mesmo tempo, um espaço propício à saída do armário e às vivências diversas das expressões de sexualidades e gêneros, mas também como um espaço marcado por práticas de silenciamento e invisibilização dessas expressões. O trabalho destaca que o acesso à universidade simboliza a entrada em 'um novo mundo' de relações e experiências de gênero e sexualidade, portanto, marcadamente diferente de outros espaços, especialmente de casa e da cidade de origem. Ao mesmo tempo em que a universidade foi o espaço-tempo de 'saída do armário' para várias/os das/os participantes, representando aceitação e liberdade, também havia problemas, especialmente no que o autor chamou de 'espaços formais de aprendizagem', na relação com docentes e outros/as discentes. Um dos participantes relata um descrédito de suas capacidades intelectuais em função de suas performances de masculinidade não corresponderem ao que socialmente é lido como masculino.

Como dito anteriormente, a intenção não foi realizar um levantamento sistemático, mas as produções encontradas apontam elementos significativos para dialogar com os dados da pesquisa que construímos. Ao que parece, a universidade figura como um espaço-tempo em que se mesclam, de um lado, experiências de afirmação, aceitação e liberdade, e de outro experiências de continuidade da abjeção vividas antes da chegada ao ensino superior, embora a percepção da violência possa variar, especialmente no que tange às discriminações naturalizadas, que implicam em injúrias, constringimentos, inseguranças e desqualificações incorporadas ao cotidiano das instituições. Os processos de democratização do ensino superior, ao possibilitar que uma pluralidade de estudantes tenha acesso à universidade, não foram, em geral, acompanhados de políticas de permanência qualificada desses sujeitos no que tange às expressões de gêneros e sexualidades (e outras expressões como classe social, raça, etnia). Assim, as instituições de ensino superior podem ser pensadas como espaços de conflitos, tensões e negociações, já que parecem se organizar pelas lógicas cis-heteronormativas que produzem, reiteram e atualizam discursos e práticas que excluem e violentam sujeitos dissidentes dessas normas. Para além de reproduzir lógicas sociais históricas, as instituições de ensino superior produzem suas próprias lógicas, fazem funcionar processos de subjetivação a partir dos quais estudantes com expressões de gênero e sexualidade divergentes das normas constroem experiências de si, moldam suas subjetividades.

Narrativas de estudantes LGBTI+ sobre violências vividas na universidade

O formulário *online* de nossa pesquisa, em sua primeira versão, foi divulgado nas redes sociais em 2019, passando por modificações e sendo novamente divulgado em 2020, obtendo um total de 169 respostas (82 e 87 respectivamente). O público da pesquisa era de estudantes LGBTI+ de uma universidade pública do interior de Minas Gerais. Do formulário, nos deteremos em três questões. Primeiro, questionamos: *‘Você já observou/presenciou, dentro da instituição de ensino superior (em atividades acadêmicas, como aulas e eventos, ou no convívio social em geral dentro da instituição), situação em que uma pessoa LGBTI+ (exceto você mesmo/a) sofreu algum tipo de discriminação e/ou violências?’*. Das pessoas respondentes, 79 (46,7%) afirmaram que sim, 78

(46,2%) não e 12 (7,1%) não tinham certeza. A segunda questão solicitava às pessoas participantes que nos dissessem o seguinte: *‘Você já vivenciou, já foi alvo/vítima, dentro da instituição de ensino superior (em atividades acadêmicas, como aulas e eventos, ou no convívio social em geral dentro da instituição), de algum tipo de discriminação ou violência sendo uma pessoa LGBTI+?’*. Nesse caso, 30 participantes afirmaram que sim (17,7%) e 139 responderam negativamente (82,3%). No segundo formulário incluímos uma questão mais específica, ainda pensando no preconceito, nas discriminações e nas violências que atravessam as experiências das/os participantes: *‘Você sente que o espaço físico (salas de aula, banheiros etc.), os espaços culturais, de sociabilidade e os eventos (acadêmicos, culturais, esportivos etc.) da universidade, são seguros para pessoas LGBTI+ expressarem afetos (por exemplo, andar de mãos dadas, abraçar, beijar etc.)?’*. Das pessoas respondentes, 38 (43,7%) afirmaram que se sentem seguras para expressar afetos, 19 (21,8%) responderam que não e 30 (34,5%) pessoas não tinham certeza.

Ao comentarem sobre as questões respondidas, relatos das experiências com o preconceito, as discriminações e as violências foram produzidos e nos ajudaram a ampliar o aspecto quantitativo das respostas, dando a elas os contornos do vivido:

“Na época, eu era presidente do Diretório Acadêmico de Ciências Exatas. Um professor da química gerou uma série de comentários ofensivos ou passivos agressivos em que, o aluno, que é trans (não vem ao caso o nome), pediu para que se abrisse um inquérito contra tal professor. Mas, mesmo com a direção do ICE em vigor, o docente saiu ileso.”

“[...] professores ridicularizando vivências lgbt, fazendo comentários lgbtfobicos e instigando os alunos a interpretarem como livre expressão e/ou piadas colegas (alguns até gays) esteriotipando e ridicularizando outro colega gay, com base em seu jeito de se mexer, atacando a orientação sexual nas frases mulheres bissexuais sendo delegitimadas por lésbicas homens e mulheres bissexuais deslegitimando outras pessoas com outras orientações colega gay insultando outros colegas lgbs por não se mobilizarem politicamente da mesma forma que ele, em meio a isso dizendo coisas que questionavam o ser lgbt dessas pessoas e estabelecendo comparações misóginas mulheres sapabi sendo assediadas/violentadas em festas.”

“Estávamos saindo do RU quando um ex-colega comenta sobre “um homem de saia” fazendo piada e rindo. Tivemos uma discussão, aonde tentei argumentar com culturas em que homens usam roupas semelhantes a saias. A simplesmente ignorou e ainda se disse no direito de julgar, pois, nas palavras dela, “a gente não deve julgar aquilo que não vê, o que vemos podemos julgar sim”.”

“Eu sofri muito quando me assumi bissexual para toda a engenharia. Amigos que eu achava que tinha, viraram as costas pra mim e muitos boatos sobre mim foram criados a partir de então. Foram meses terríveis em que todo mundo me olhava.”

As narrativas das/os participantes nos mostram que o ambiente universitário produz e reitera discriminações, violências e exclusões, dando continuidade a processos vividos em outros âmbitos da sociedade e produzindo relações específicas nesse ambiente. Pelas respostas, há discriminações e violências tanto observadas quanto vividas no interior da universidade, envolvendo, especialmente, a interação com colegas discentes e com docentes. ‘Comentários ofensivos’, ridicularização das experiências LGBTI+, piadas, estereótipos associados às expressões corporais, insultos, boatos, exclusões e assédios em diferentes contextos do ambiente universitário (sala de aula, restaurante universitário, coordenação do curso etc.) aparecem nos relatos das/os estudantes. Estudos como os de Amaral (2013), Nardi et alli (2013) e Silva (2017) apontam para a universidade como espaço onde não apenas são reproduzidas as desigualdades e hierarquias relativas aos marcadores sociais de diferenças, mas nela também se atualizam e se estabilizam as lógicas que dão sustentação a elas. Nesse sentido, o ambiente universitário expressa os conflitos e tensões que compõem os processos de formação dos sujeitos, por vezes, naturalizando as hierarquias sexuais e de gêneros, contribuindo para a inferiorização e hostilização de pessoas LGBTI+ (BORRILLO, 2010), omitindo-se no debate acadêmico acerca das narrativas e experiências dessas pessoas, apesar de seu potencial para o que Nardi et alli (2013) chamam de politização das opressões no espaço público e consequente emergência de lutas sociais. A democratização da universidade exige, portanto, uma análise fundamentada e crítica das dinâmicas que instituem as normas e valores que funcionam em seu interior e como

elas afetam os sujeitos. Além disso, exige que nos organizemos para enfrentar as discriminações, violências e exclusões.

As violências verbais (injúrias, ofensas, comentários) e simbólicas (olhares, deslegitimação, estereótipos, fetichização) expressam essas dinâmicas de hierarquização das sexualidades e dos gêneros. Mais do que isso, elas funcionam como elementos subjetivadores, constituindo uma experiência de si marcada pela dissidência à cis-heteronorma. Como nos lembra Eribon (2008), tais violências tem papel definidor, funcionando para atribuir lugares subalternos aos sujeitos, inscrevendo-se nas subjetividades. Embora tenhamos ouvido narrativas nos grupos focais de que, muitas vezes, as/os estudantes LGBTI+ se sentem mais seguras/os no *campus* em relação ao ambiente externo à universidade (fato que também foi encontrado em outras pesquisas), observamos que elas/es não estão livres de situações de constrangimentos e/ou violências, o que nos possibilita reafirmar a universidade como espaço que tem a cis-heteronormatividade como organizadora dos seus rituais, das suas dinâmicas, atravessando as relações entre os sujeitos e destes consigo mesmos. Trata-se, portanto, de pensar nas dinâmicas institucionais de poder que hierarquizam, cerceiam e limitam as possibilidades de ser LGBTI+ no ensino superior, embora devamos considerar também que tais dinâmicas são produtoras de estratégias de resistências e de sobrevivência, inventadas pelos sujeitos para permanecer na universidade, para fazer frente às discriminações e violências. Há, portanto, modos de ressignificar essa experiência, imaginando que a reiteração da cis-heteronormatividade também produz modos de escapar e de construir outras dinâmicas institucionais. Precisamos apostar nisso para construir os sentidos de democracia, inclusão e equidade que fazem parte dos princípios e das políticas institucionais.

Considerações finais

Com o artigo nos propusemos a contribuir para o debate sobre as experiências e processos de constituição de estudantes LGBTI+ no ensino superior, com vistas à garantia de uma educação laica, pública, equitativa e inclusiva, e à pluralização das experiências das sexualidades e dos gêneros, fomentando discussões acerca das relações estabelecidas nas faculdades e institutos. Pretende-se, nesse sentido contribuir com o debate sobre os modos como os sujeitos

com expressões de gêneros e sexualidades discordantes da cis-heteronormatividade se constituem no/com o ensino superior; sobre os modos de funcionamento da LGBTI+fobia no ensino superior, com vistas ao estabelecimento de práticas de proteção dos sujeitos e combate aos preconceitos, ao lado de estratégias de transformação pela formação crítica, diminuindo a incidência de práticas discriminatórias e violências; sobre os currículos de formação no ensino superior na relação com saberes e experiências de sujeitos e grupos culturais não-hegemônicos; sobre a relação do ensino superior, especialmente da universidade, com o fomento ao debate sobre as pluralidades sexuais e de gêneros no âmbito social mais amplo.

Pensando no currículo como resultado de processos em que são selecionados, de um universo mais amplo, os conhecimentos e saberes válidos que irão constituí-lo, e que selecionar é uma operação de poder, há que se considerar as disputas que envolvem as abordagens ligadas às relações de gênero e sexualidades. Se temos hoje nas universidades linhas de pesquisa consolidadas na pós-graduação, docentes dedicadas/os a investigações nos mais diversos campos de conhecimento e, conseqüentemente, atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas com os temas tratados neste trabalho, é porque tem havido um movimento de transformações sociais e culturais, que implicam tomar gênero e sexualidade como construtos históricos em constante mudança. Nesse sentido, a pesquisa mostra sua relevância e sua atualidade, considerando um contexto de intensa disputa entre narrativas críticas e conservadoras, que elegem essas categorias como elementos centrais para o debate público contemporâneo, na definição de direitos fundamentais e de políticas para sujeitos LGBTI+.

Ao tomarmos como foco o ensino superior e a universidade, questionamentos vão surgindo, nos impulsionando à investigação com as/os estudantes e às continuidades em outros processos de pesquisa. Que sujeitos e que profissionais temos formado? Que formação a universidade vem chancelando? De que modos essa formação pode contribuir para a produção de transformações nas relações sociais? E nas relações com as diferenças? De que modos a formação no ensino superior se relaciona com as sexualidades e as relações de gêneros? Como sujeitos LGBTI+ experienciam o ensino superior, a partir de suas identidades e expressões de gênero e sexualidade? Como os sujeitos pensam a si próprios, suas identidades, suas experiências, nesses processos? Apostamos na ideia de que são múltiplos os processos

formativos colocados em exercício nas redes de saber e poder que constituem as universidades; são múltiplas as configurações formativas arquitetadas, nos diferentes cursos, unidades acadêmicas, a partir de variadas atividades – aulas, projetos de extensão, iniciação científica, eventos científico-acadêmicos, artísticos, políticos, participação em coletivos e grupos, entre tantas outras.

Referências

AMARAL, Julião Gonçalves. Lutas por reconhecimento, desrespeito e universidade: a atuação dos coletivos universitários de diversidade sexual para o enfrentamento à homofobia institucional. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, edição 21.2, p. 229-262, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/revistasociedade/index.php/rts/article/view/90/73>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Trad.: Guilherme J. F. Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DUARTE, Francisco E. B. **As representações sociais de universitários de sexualidades LGBT sobre seus processos de escolarização e as implicações em seus projetos de vida**. Tese (Doutorado – Educação). Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/8380/1/Tese_RepresentacoesSociaisUniversitarios.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Trad.: Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

LIONÇO, Tatiana; TAVIRA, Larissa Vasques; BAÉRE, Felipe de; PORTELA, Raquel de Souza Portela. Escuta diversa: análise da implementação de um serviço de acolhimento e de articulação de rede de proteção para a comunidade LGBT da UNB. **Anais do 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade**, Vitória, n/p, 2016. Disponível em: <http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467426591_ARQUIVO_escuta_diversa_resumoexpandido_final_2016.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio. **Domesticando corpos, construindo médicos**: das relações de gênero a uma sociologia da profissão. Dissertação (Mestrado – Sociologia Política). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/176795/345868.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

NARDI, Henrique Caetano; MACHADO, Paula Sandrine; MACHADO, Frederico Viana; ZENEVICH, Letícia. O “armário” da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. **Teoria & Sociedade**, n. 21.2, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<http://www.teoria-esociedade.fafich.ufmg.br/index.php/rts/article/view/87/71>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

PRADO, Marco A. M.; MARTINS, Daniel A.; ROCHA, Leonardo T. L. O litígio sobre o impensável: escola, gestão dos corpos e homofobia institucional. **Bagoas**, Natal, v. 3, n. 04, p. 209-232, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2304/1737>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

REIS, Roberto Alves; DIAS, Jacson; BENITEZ, Gael. A experiência do projeto de extensão Una-se contra a LGBTfobia: ações a favor de uma cultura do respeito à diversidade sexual e de gênero no ambiente universitário. **e-Hum** - revista científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 74-82, ago./dez. 2016. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/article/view/1961>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

RIBEIRO, Cláudia M.; XAVIER FILHA, Constantina. Trajetórias teórico-metodológicas em 10 anos de produção do GT 23 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 1-19, nov. 2014-abr. 2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12886/9199>>. Acesso em 27 jan. 2021.

RIBEIRO, Izaque Machado; CUNHA, Jorge. Processos formativos no ensino superior e políticas públicas de diversidade sexual: relatos de algumas experimentações no campo da Psicologia. **Licencia&acturas**,

Ivati, v. 3, n. 1, p. 17-26, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/69/65>>. Acesso em 27 jan. 2021.

SANTOS, Jailson Batista dos. A condição de ser LGBT e a permanência na universidade: um estudo de caso no curso de pedagogia - educação do campo. **Anais do 4º Colóquio Internacional de Pesquisas em Educação Superior**, João Pessoa, n/p, 2017. Disponível em: <<http://www.coipesu.com.br/anais>>. Acesso: 27 jan. 2021.

SILVA, Elder Luan dos Santos. **Trajetória, permanência e afiliação de estudantes LGBTs na UFRB**: a transformação do estigma em orgulho. Dissertação (Mestrado – Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade). Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/22676/1/Dep%C3%B3sito_DISSERTA%C3%87%C3%83O_ElderLuan_PPGEISU.pdf>. Acesso: 27 jan. 2021.

VIEIRA, Marcelo. **“Quero poder existir”**: contornos da violência simbólica contra orientações sexuais não binárias entre universitários LGBT da Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado – Saúde Coletiva). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/160738/337721.pdf?sequence=1&isAllowed=>>>. Acesso em: 27 jan. 2021.